



A SENHORA
DO FIM DO MUNDO

– capítulo viii –

CAPÍTULO VIII

— O que vai ser, meus caros?! — Zero vociferou, batendo com o punho cerrado no peito e erguendo a espada em direção a Tqir. — Será você o primeiro a me atacar? — Girou a espada e a apontou para Yertha. — Ou será que continuaremos nossa dança, Silenciosa?

A Valquíria do Infinito questionava cada um deles, perfurando-os com seus olhos esmeraldas, cheios de sangue e ódio. Há muito que se sentiu assim, e tal sentimento a fazia bem, até demais.

Tqir suava frio. Pensou em quantas vezes já tinha secado sua testa devido à quantidade exorbitante que transpirava. Se não estivesse usando luvas, com toda a certeza sua espada já teria lhe escapado da mão, tornando-o um alvo fácil para a predadora que estava prestes a devorá-lo.

Olhou para seu lado direito e viu seu companheiro de jornada, Siegfried, calmo como um padre cristão de Midgard. Jamais o vira dessa forma, principalmente na hora de uma luta. Sempre que tentava lembrar do espadachim careca em batalha, conseguia recordar apenas do mesmo atacando os inimigos furiosa e impetuosamente. Mas agora, ele parecia sentir tudo ao seu redor.

À sua esquerda, Yertha jazia ajoelhada, apoiada pela sua espada. Estava ofegante; sangue lhe escorria da testa a partir de um corte horizontal, deslizava até seus olhos, atrapalhando a visão. Tinha o braço esquerdo quebrado, e um enorme corte nas costas, o qual se tivesse sido aplicado um pouco mais de força, provavelmente a teria aberto por inteiro.

As coisas não vão nada bem, disse a si mesmo, enquanto observava com pavor a imponente Valquíria. Ele sabia que não deveria ter aceitado o trabalho, contudo concordou mesmo assim. Agora estava frente a frente com, discutivelmente, o ser mais poderoso do cosmos, e não tinha a menor ideia do que fazer...

Todavia, Zero o sabia muito bem.

— Está sentindo esse cheiro no ar, Yertha? — a Valquíria questionou, em um tom de escárnio. Avançou a passos curtos na direção da ruiva. — É um cheiro que tempos atrás eu não gostava de sentir. Mas hoje — parou em frente à mulher, e então, chutou a espada, retirando o único apoio que Silenciosa possuía. Tqir virou para Yertha, mas antes que



pensasse em fazer algo, Zero apontou Dainsleif diretamente para seu pescoço —, costume me deleitar com ele. Então, minha cara discípula: de que cheiro eu estou falando?

Mesmo caída no chão, Yertha não parecia querer clemência. Fitou Zero, cuspiu em suas botas e pôs a dizer:

— É o cheiro do seu fim, sua valquíria maldita. Espero que Odin entregue a você a pior das punições. Desejo-lhe todos os males dos Nove Mundos, pois você não merece apenas a morte.

— Ainda tem forças para ser atrevida pelo visto — respondeu às provocações da ruiva. — No entanto, ameaças e pragas vazias não a ajudarão em nada, Silenciosa. As coisas aqui não são simples como eu mostrava a você. Muito pelo contrário, garota, as coisas ficaram complicadas demais, e não estou gostando muito disso, sabe?

Sem remorso algum, pisou nas costas cortadas de Yertha, fazendo com que a mulher soltasse um berro gutural.

— Você é um monstro — resmungou Tqir. — Pensei que em Asgard se criavam heróis, não seres sem coração.

Como se não tivesse entendido o que o Cavaleiro Vermelho acabara de dizer, Zero levantou uma das sobrancelhas, confusa.

— Ora, Tqir, não seja tão cruel comigo. Eu tenho um coração, você não sabia? — Perguntou com uma voz doce, como se fosse uma pessoa completamente diferente de segundos atrás. — Esqueceu que tenho um maravilhoso presente do cosmos guardado em meu peito?

Não me esqueci por um único segundo, pensou ele. Tentou se afastar do alcance da Valquíria, mas no mísero movimento que tentou fazer, a guerreira ameaçou perfurar sua garganta. Sendo assim, manteve-se parado.

Olhou para Siegfried, que ainda seguia calmo, sem parecer prestar muita atenção no que acontecia. Tqir não sabia se começava a ficar ainda mais preocupado, ou se acreditava no seu companheiro.

Encarou a Valquíria:

— Isso não é um presente, mas sim uma maldição para todos os seres vivos além de você! Ymir sempre foi um monstro, capaz das piores atrocidades apenas para se ver no topo de tudo.

— Você viu isso em um livro de histórias para crianças, ou de um bardo qualquer? — Zero zombou, enquanto pisava com ainda mais força em Yertha, que berrou ainda mais alto.
— Vamos, Tqir, faça-me rir novamente.

— Primeiro de tudo: eu odeio bardos e poetas. Segundo, Ymir foi o maior vilão que os Nove Mundos conheceram, e isso é de conhecimento de todos, exceto para os gigantes. Seria você uma gigante, Zero?

Quando finalizou a pergunta, a Valquíria do Infinito desceu sua espada com uma velocidade impressionante, cortando de leve o peito do cavaleiro vermelho, que recuou vários passos após o golpe.

Percebeu que aquilo fora apenas um aviso, e que também fora uma chance de escapar do alcance da mulher. Zero não respondeu; o encarou profundamente, perfurando-o com seus olhos esmeralda. Tqir sentiu um calafrio na espinha, além do suor que lhe escorria pela testa.

O silêncio caiu. Tudo que conseguiam ouvir naquele momento eram os resmungos da pobre guerreira ruiva, caída, sob o pé da Valquíria do Infinito, que a pressionava a cada novo grunhido de dor, gerando assim, ainda mais sofrimento.

Pare de ter tanto medo, brigou consigo mesmo. O Cavaleiro Vermelho segurava a espada com tanta força que conseguia até mesmo sentir suas mãos latejarem. Ela é nada mais que uma guerreira habilidosa. Se Siegfried ajudar, tenho certeza que venceremos.

Ponderou por muito tempo, pelo menos foi o que pareceu em sua cabeça. Mas na realidade, havia se passado pouquíssimos segundos.

Tqir via tudo em câmera lenta. Não sabia se era a tensão que estava fazendo isso, ou, se ele fosse alguém extremamente devoto, diria que era obra dos deuses.

Contudo, a mulher à sua frente não possuía nada que relembresse a bondade dos deuses. Muito pelo contrário, tudo que sua aparência e poder o lembravam era dos monstruosos e cruéis humanos.

— Onde está sua coragem de agora há pouco, Yertha? Ah, eu sei onde está — levantou o pé para pisar em Silenciosa, mas aquele movimento deu tempo suficiente para que a guerreira rolasse para o lado, escapando. — Ainda tem forças? Impressionante, de verdade.

Zero divertia-se como uma criança pequena com toda a dor que causava. Seus olhos brilhavam de emoção.

Agora! Pensou Tqir, investindo contra a Valquíria. O cavaleiro vermelho acreditou que aquele momento seria o perfeito, pois a mulher parecia estar com a guarda baixa. Enganou-se amargamente.

Assim que chegou perto de Zero, parou quase que de imediato, levantando sua espada na diagonal. Com tal movimento, conseguiu bloquear o golpe vertical da loira por muito pouco. Se não tivesse tido um reflexo inumano naquela hora, com certeza a espada negra da Valquíria o teria rasgado de cima a baixo.

Tentou aplicar força contra a mulher, mas tudo que ela fez foi bocejar, sem um pingo de interesse no que acontecia. Tqir urrou, indignado, e aplicou ainda mais força. Suas mãos tremiam, sua espada raspava contra a lâmina assassina da Valquíria, mas nunca fazia ela recuar um mísero milímetro.

Foi então, como se o apelo aos deuses que o Cavaleiro Vermelho começou a fazer houvessem sido atendidos. Como se sobrevoasse Zero, o espadachim careca, Siegfried, apareceu, com sua espada em mãos. Descia em direção à Valquíria como uma flecha, em uma velocidade surpreendente.

Por um momento, Tqir jurou que o golpe acertaria precisamente o peito da loira. Contudo, a ilusão fora quebrada.

De forma quase que impossível, Zero empurrou o Cavaleiro Vermelho para trás, arremessou sua espada contra Siegfried. O espadachim careca desviou a lâmina que voava contra ele. No entanto, acabou perdendo o alvo devido ao impacto, caindo muito longe de Zero, que inclusive, havia se jogado na mesma direção em que empurrou Tqir.

O Cavaleiro Vermelho, que cambaleava para trás, teve sua arma roubada pela Valquíria, esta mesma que o aplicou uma rasteira, fazendo com que ele completasse a queda.

De dentro da poeira que se formou devido à queda de Siegfried, o espadachim surgiu, com sua lâmina apontada para a Valquíria. Com um reflexo surreal, a mulher girou nos calcanhares, bloqueando o golpe frontal. Seguiu bloqueando mais dois, três, quatro investidas. Então simplesmente cansou.

Através da magia infundida em Dainsleif, a Valquíria do Infinito a chamou, fazendo com que ela retornasse para sua mão. De forma brutal, golpeou com o pomo da espada o braço esquerdo de Siegfried, com tamanha força que o homem chegou a parar momentaneamente seus movimentos.

Era daquela brecha que Zero precisava. Utilizando-se do momento propício, ela não pensou duas vezes: cravou a espada do Cavaleiro Vermelho nas costelas do espadachim careca, que grunhiu de dor e pulou para uma distância segura.

Ela vai nos matar, merda! Tqir dizia a si mesmo, apavorado, tentando se levantar. No entanto, suas pernas o impediam de sequer se mover. Tudo que conseguia fazer era continuar caído, olhando a imponente valquíria de baixo.

Olhou para os lados e não encontrou Yertha. Fugiu? Fez muito bem se sim, imaginou o vermelho. Então, viu seu companheiro, com uma espada atravessando-lhe as costelas, cuspidando uma quantidade exorbitante de sangue, enquanto ouvia Zero gargalhar como uma sádica.

Mas foi naquele momento que as coisas começaram a adquirir um novo caminho. A visão de agora parecia alterar completamente o destino de tudo ali.

Siegfried, com um pouco de dificuldade, e muita dor, começou a remover lentamente a espada que lhe punia de forma horrenda. Quando a retirou por completo, arremessou-a para as proximidades de seu companheiro. Estalou o pescoço, recolheu sua espada que havia caído no chão, e sorriu:

— Caramba! Fazia um bom tempo que eu não tinha um adversário desse nível — disse de forma despreocupada, alisando sua nuca. — E então, que tal uma revanche? Prometo que não vou deixar você me espetar assim de novo.

Zero observou o homem com um olhar indiferente, quase nem dando atenção.

— Parece que quanto mais eu peço para que tudo acabe, mais incômoda essa situação se torna — disse a Valquíria, meneando a cabeça.

Literalmente aborrecida.

Ouviu duas batidas fortes, porém lentas, em sua porta. Quando ordenou que entrasse, sentiu que alguém entrava com uma bandeja de prata com detalhes desenhados como flechas em suas bordas.

Esperou em silêncio o criado terminar de servi-la. O gigante, apesar de grande, não pareceu muito desastrado. Deixou para ela uma porção de carne de javali ensopada em molho de tomate. Além do javali, serviu também uma espécie duvidosa de sopa, a qual cheirava a enxofre, e um jarro de prata repleto de vinho.

Assim que terminou o serviço, o gigante se dirigiu a saída, mas foi impedido pelo chamado da valquíria. Fitou a mulher e perguntou, em um tom desconfiado:

— Deseja mais alguma coisa, senhora?

— Sim, desejo — apontou para uma cadeira que estava disposta ao lado do criado. — Sente-se, preciso conversar com alguém, tudo aqui é muito quieto e solitário.

— Eu entendo que a senhora esteja desconfortável com o silêncio de nossos corredores e pátios, mas infelizmente não posso ficar para conversar — virou mais uma vez para a saída. — Então se me permite, preciso voltar aos meus afazeres.

— Não há ninguém por aqui com quem eu possa falar?

— Apenas com os lobos lá fora, creio eu — respondeu, abriu a porta, e a fechou atrás de si, deixando Skögul sozinha mais uma vez.

Estava esperando por Skadi já fazia algumas boas horas, e tudo que conseguia fazer era encarar as incrivelmente tediosas paredes do quarto em que estava.

A Rainha de Gelo foi muito generosa ao hospedar a valquíria em um quarto repleto de nada. Tudo o que existia ali naquele lugar era duas cadeiras de madeira velhas, uma pequena mesa redonda igualmente antiga, e um livro tão malcuidado que seria necessário conjurar um feitiço de reconstrução para conseguir sequer ler o título.

Então pensou que se conseguisse chamar algum criado para sua aconchegante sala, conseguiria convencê-lo a ficar para uma conversa rápida. No entanto, Skögul não queria apenas uma simples conversa; esperava que um diálogo com algum dos criados pessoais de Skadi lhe trouxesse alguma espécie de informação útil. Porém, tudo que recebeu foi uma adorável recusa.

Agora, estava de volta à estaca zero, esperando o tempo passar tão lento quanto uma lesma preguiçosa. A pressa nunca nos leva a nada, disse a si mesma, enquanto olhava pela janela do aposento. Chovia um pouco, com as gotas batendo contra os vidros imundos. Ao menos a nevasca cessou.

Sentia que o tempo, apesar de lento, estava acabando. Com toda a certeza, Zero se aproximava de seu objetivo, e precisava que Skadi entendesse que precisavam de toda a ajuda possível se pretendessem parar sua irmã.

Skögul ficou andando em círculos por algum tempo, cantarolando qualquer coisa enquanto pensava no que poderia acontecer. A primeira situação a vir em sua cabeça era a qual Skadi simplesmente a mandaria embora, e assim, não considerando Zero como uma ameaça em potencial.

Caso a rainha fizesse isso, teria que tentar convencer a irmã a desistir, e em último caso, pedir reforços a Odin; algo que ela não gostaria de fazer.

Contudo, Skölgul contava com a segunda hipótese que circulava sua cabeça: Skadi exige uma nova reunião onde ela aceita a sua ajuda, e com todo seu exército reunido, teriam uma chance de parar a Valquíria do Infinito.

Mas tudo isso, claro, apenas depois de ter uma conversa honesta com a guerreira loira. Tinha a impressão de que não adiantaria em nada, mas não custava tentar utilizar da razão para persuadi-la.

Imersa em seus pensamentos, Skölgul não percebera que em sua porta, Skadi permanecia parada, observando a valquíria em seu processo de planejamento. A Rainha de Gelo parecia entretida com a visão, tendo em vista que não soltou um mísero ruído.

Ao se dar conta de que parecia preocupada demais, a valquíria mudou sua expressão para uma mais dura, e então questionou a rainha:

— Creio que acabou de chegar, não?

— Sim, não se preocupe, você não me deixou esperando — esboçou um sorriso, virando-se para fora do quarto. — Siga-me, valquíria, temos assuntos a tratar.

A valquíria cega confirmou com a cabeça e seguiu ao lado de Skadi. A rainha trajava um longo vestido negro simples feito de cetim e usava um colar dourado com um cristal de gelo pendurado, brilhante. O vestido arrastava no chão, fazendo um barulho incômodo pelos corredores frios e sem vida do castelo, como se fosse uma serpente rastejando na areia.

— Pensou na minha proposta, Skadi? — Skölgul foi direto ao assunto. A rainha pareceu não gostar disso ao olhá-la de soslaio com uma expressão de nojo.

— Por incrível que possa parecer, dei atenção ao que você me disse e, embora eu não concorde totalmente com você, creio que posso me beneficiar dos seus serviços — dessa vez a Rainha de Gelo sorriu, colocando as mãos à sua frente, com os dedos entrelaçados. — A Valquíria do Infinito é uma pedra no sapato de muitos, e está sendo ainda mais incômoda para mim.

A valquíria arregalou os olhos, claramente impressionada com Skadi. Preocupou-se que talvez não conseguiria o apoio da rainha, mas acabou recebendo sua própria determinação.

Skadi continuou:

— Você a conhece melhor do que ninguém, então espero que nos seja útil e nos mostre alguma forma eficaz de atacá-la.

— Prefiro conversar com ela primeiro — interrompeu a rainha. — Ela há de parar com seja lá o que está fazendo se eu conseguir falar com ela. Zero deve estar sendo vítima de algum efeito malicioso para agir daquela forma e querer o que busca.

Viraram um corredor e continuaram seguindo em frente, na mais completa e fria escuridão.

— Devemos atacar a Valquíria do Infinito enquanto ela ainda busca pelo Niflungar. Não se sabe o que ela poderia fazer com todos nós se ela se apoderasse do anel — contrapôs Skadi, com um tom de ordem. — Não haverá conversa com uma invasora e ladra. Ela deverá ser punida com a morte, nada mais, nada menos.

— Atacá-la sem sequer tentar apaziguar a situação é idiotice! — exclamou Skögul. — Deixe-me ao menos tentar. Caso eu não consiga convencê-la, utilizaremos da força para combatê-la de vez.

Skadi parou, ponderando. Parecia pensar com cautela no que a valquíria dizia, e não demorou muito para que desse uma resposta:

— Não. Seguiremos o meu plano. Agora siga-me, preciso que saiba exatamente o que você irá fazer.

— Então devo simplesmente baixar minha cabeça e acatar com tudo o que for dito? — questionou.

— Exatamente — Skadi respondeu, pondo-se a caminho mais uma vez. — Reclame menos e ande, valquíria. Temos trabalho a fazer.

O que diabos é ele? Pensou Yertha, escondida atrás de um pilar, bastante afastado do Niflungar, de Zero, e de toda a confusão que se expandia à medida que o tempo passava.

Tentava estancar os ferimentos que possuía por todo o corpo, mas não parecia estar tendo muito sucesso. Havia acabado de arrancar a manga do seu gibão e amarrado com força no corte em seu braço. Aproveitou e cortou a calça que vestia, do joelho para baixo, e amarrou pelo seu dorso, a fim de conter o sangramento das costas.

Mesmo assim, estava fraca, dolorida, cansada, e acima de tudo isso, repleta de raiva e tristeza. Pensou que podia confiar na Valquíria do Infinito, mas no final, ela a traiu, tratou-a como apenas um sacrifício qualquer.

Preciso sair daqui. Preciso voltar à minha casa, a guerreira dizia a si mesma. Entretanto, não conseguia sequer se mexer. Estava presa naquele lugar, com uma mulher assassina e brutal, e dois homens igualmente perigosos, porém que pareciam lutar para impedir a Valquíria.

Deu uma olhadela em direção à batalha, e conseguiu ver a luta que se encaminhava para o que aparentava ser um clímax fervoroso e cruel. Não conseguia identificar direito o que acontecia ali além do som de metal beijando metal, e as faíscas que a dança de espadas gerava sem parar entre os três combatentes.

Tal imagem era algo inacreditável para Yertha. Era como um momento mágico, onde três guerreiros batalhavam por seus objetivos, por suas vidas. Tudo ali era como uma cena digna de baladas e histórias épicas. Desde como a Valquíria se movimentava de forma magistral, até o incrível guerreiro de peito desnudo e que aparentava ser imortal.

E ao presenciar tudo aquilo, passou a perceber que seu lugar nunca fora ali.

Deveria ter me juntado a minha família em Helheim, não levada para Valhalla contra a minha vontade...

Juntou o mísero resquício de energia que possuía e seguiu para fora da câmara, para fora do salão, para fora do templo.

Viu-se vagando pela pesada neve que preenchia o mundo de Gelo de Niflheim, na esperança de finalmente morrer em paz.

— Parece-me cansado, Siegfried — comentou Zero, em um tom zombeteiro, enquanto golpeava o guerreiro careca com sua lâmina negra. — Ora, vamos lá, sei que você é mais rápido que isso.

Siegfried não conseguia mais ter o humor necessário para fazer piadas. Se via encurralado pela enxurrada de golpes que a Valquíria desferia sem parar em sua direção, sem nunca oscilar, ou cansar.

Viu um golpe vindo pela direita, o qual ele aparou com a espada por muito pouco. No entanto aquilo se provou ser apenas uma distração, já que quase no mesmo instante, a Valquíria surgiu atrás de si, puxando seu pé esquerdo para cima.

A força aplicada foi tanta ao puxar, que Siegfried girou no ar, descontrolado. De súbito, sentiu uma dor penetrante o afligir a costela, provavelmente a quebrando, e fazendo com que fosse arremessado contra a parede da câmara.

Tudo estremeceu, como se estivesse prestes a desmoronar.

Imaginava que se as paredes daquele lugar recebessem algumas pancadas a mais, com certeza tudo acabaria em ruínas.

Aproveitando o barulho do tremor, Tqir arremeteu contra a Valquíria, na intenção de ao menos acertar um golpe. Todavia, ela já estava preparada para ele. Levantando uma das mãos, Zero invocou um escudo de energia, brilhante e púrpuro.

A feitiçaria provou-se ser muito eficiente, pois impediu por completo o ataque de Tqir, e ainda o arremessou impetuosamente contra o chão, como se ao encostar no escudo, uma tonelada de pedras caísse sobre o pobre homem. O poder sombrio do feitiço pareceu tanto, que o Cavaleiro Vermelho berrou, tossiu, e vomitou uma quantidade significativa de sangue.

— Sabia que eu odeio quando alguém me atrapalha durante uma batalha? — Perguntou a Valquíria. Cuspiu em Tqir. — Fique aí, maldito.

E então, virou seu olhar para Siegfried mais uma vez.

Antes que tivesse a chance de se levantar, a Ceifadora já se encontrava a sua frente. Sem pestanejar, a Valquíria chutou sua mandíbula, com força o suficiente para que ele fosse disparado para o salão sobre a câmara, quebrando todo o concreto que existia entre os dois locais.

Olhou para Tqir, caído no chão, quase afogado em seu próprio sangue.

— Eu voltarei, Cavaleiro Lagarto, espere eu acabar com seu amigo, será bem rápido.

Pulou pelo buraco criado no teto por Siegfried, e logo alcançou o salão principal. Vasculhou o lugar com seus olhos, mas não encontrou o espadachim no primeiro momento.

Sentiu o vento sibilar e, em seguida, Siegfried apareceu por trás, com sua espada em chamas apontada para as suas costas. Zero girou nos calcanhares, virou sua espada na vertical e segurou sua ponta. Com isso, conseguiu bloquear facilmente o ataque adversário.

— É tudo que tem? Uma espada flamejante? — O careca aplicava uma força descomunal, porém a Valquíria não parecia querer ceder. — Ora, meu caro, tudo o que conseguirá com isso é me aquecer nesse inverno sem fim.

— Eu gostaria de esquentá-la de outra forma — deu um sorriso malicioso, embora suor escorresse de sua face. — Mas sabe como é, você não parece estar muito a fim disso agora.

— Talvez se você tivesse feito esta proposta quando ainda conversávamos sobre quem ficaria com o Niflungar, eu teria aceitado — subitamente, as chamas na espada de Siegfried começaram a se extinguir, dando espaço para uma espessa camada de gelo. — Faz um bom tempo que um homem consegue me satisfazer de forma minimamente aceitável.

— O que caralhos você tá fazendo?! — exclamou o espadachim, tentando recuar. No entanto, sua lâmina parecia estar colada em Dainsleif devido ao gelo que as ligava. — Sua puta! Não ouse querer tomar a minha espada! Eu a matarei antes que você possa dizer “pare”!

Com um sorriso malévolo no rosto, a Valquíria do Infinito segurou a espada de Siegfried, a qual havia se tornado um objeto de gelo qualquer. Então, apertou-a com força, fazendo com que ela se partisse em pedaços.

— É mesmo? — disse Zero, soprando no rosto do espadachim o pó que sua espada havia se tornado. — Conte-me como vai fazer isso, pois estou muito curiosa.

O careca olhava atônito ora para a sua espada – ou o que sobrou dela –, ora para a Valquíria. Seus olhos arregalados demonstravam uma surpresa sem igual. Tentava falar, mas as palavras não saíam. Uma gotícula de suor escorria sobre seu olho, e sentia sua respiração ficar lenta.

— Você não me parece muito bem, Siegfried — comentou Zero, em um tom doce.

Quando o espadachim careca se deu conta, percebeu que Dainsleif havia entrado pela metade em seu peito. Tossiu sangue, sua visão tornando-se turva.

— Você me pegou... sua puta — tentou rir, todavia tudo que conseguiu foi tossir ainda mais sangue. — Como descobriu?

— Sobre a espada? — enfiou ainda mais fundo a espada no peito de Siegfried, este que agora grunhiu de dor. Zero aproximou seu rosto ao dele. — Não foi difícil na verdade. Você é apenas um humano, então sua fonte de poder deveria vir de algum lugar. Logo, a opção mais óbvia seria a espada.

— Desvantagens de ser um humano... — dessa vez a risada saiu, embora muito fraca para continuar por mais de meio segundo. — Mas, e então, vai rolar aquela foda quando você chegar em Helheim? Porque eu vou te esperar lá, sabe...

Ao enterrar por completo a espada no peito do espadachim, a Valquíria do Infinito aproximou ainda mais o seu rosto e, de forma ténue e doce, encostou seus lábios nos deles. Quando terminou, fitou-o com um olhar malicioso, revirou a lâmina nas suas entranhas, e disse:

— Pensarei no seu caso, Matador de Dragão — retirou Dainsleif do peito rasgado de Siegfried. — Até lá, meu bom homem, tente a sorte com a Rainha dos Mortos.

— Prefiro morrer duas vezes — disse o careca, que morreu com um sorriso no rosto, percebendo o leve riso da Valquíria, que, na verdade, achava mais graça de sua situação patética do que de sua piada.

— As traduções foram completadas há pouco, majestade — Erallyub revelou através de uma projeção. O rei da superfície de Sverthalfheim envergava uma armadura prateada sobre uma cota de malha, e uma capa negra com o símbolo de seu clã: uma árvore apodrecida.

— Muito bem, Rei Erallyub, muitíssimo bem — Hel respondeu, com um largo sorriso no rosto, enquanto batia palmas desinteressadas. — Creio que tenha descoberto a localização do artefato?

Desta vez, quem vestiu um largo sorriso foi o rei dos elfos.

— Descobrimos com total precisão onde estão escondidos.

— Escondidos? Diga-me que você apenas não sabe usar as palavras no plural em nossa língua ainda — disse a Erallyub, levando uma das mãos ao rosto. — Não me diga que o artefato está dividido.

— Infelizmente está, majestade. Contudo, volto a reiterar, sabemos as localizações exatas de cada uma das partes.

Hel observou a expressão meio preocupada do elfo.

— Pelo seu rosto, claramente há algum “porém” nessa história toda, não?

— Mais ou menos... — hesitou um momento. — O artefato está dividido em duas partes, e uma delas está aqui na superfície, em uma ruína élfica. — Pegou um pergaminho de algum lugar abaixo de si, onde a projeção não mostrava. — Mas a outra parte está em uma cripta humana no interior de ruínas anãs.

— E qual o problema nisso, sor? — questionou a Rainha dos Mortos, a qual aparentava estar começando a se irritar com o elfo negro. — Diga a Dodoric que eu ordenei a

investigação destas ruínas, e que se ele não a permitir, sofrerá as consequências. Ouviu bem? Faça o que for necessário, aproveitarei e terei uma conversa com o anão.

— Temos um tratado, majestade. Este qual não podemos quebrar, ou uma guerra civil assolará nosso mundo — disse Erallyub, em um tom pedinte. — Temo que meus homens não poderão cruzar a fronteira. A senhora terá que passar a tarefa para Dodoric.

— Ousa me dar ordens? — bateu com ambos os punhos em uma mesa disposta ao seu lado com tamanha força que os livros que estavam sobre ela saltaram. — Pouco me interessa sobre suas guerras e tratados. Quero o fragmento do artefato, e você irá buscá-lo.

Hel não confiava no anão. Dodoric era um completo idiota que só sabia balançar sua maça por aí. Precisava de alguém com cérebro, capaz de raciocinar, e infelizmente só podia contar com Erallyub para aquela tarefa.

O elfo fez uma careta, pensando em todos os problemas que arranjaria ao cruzar a fronteira. Também imaginou todas as coisas que sofreria caso não fizesse o que a Rainha dos Mortos estava dizendo.

No fim, encarou Hel e acenou positivamente com a cabeça.

— Sua ordem será cumprida, majestade — acenou com a mão para alguém aparentemente um pouco distante. — Prepararei meus homens para adentrar as ruínas. Manterei contato.

— Ótimo — disse Hel. — Vá, e só gaste meu tempo com alguma informação útil.

Confirmou mais uma vez com a cabeça e desligou a projeção. A rainha permaneceu em pé na sala. Suspirou e foi até sua mesa, onde uma jarra de vinho repousava. Serviu um pouco e bebeu.

— Malditos incompetentes e suas brigas de criança...

Estava olhando pela janela de sua alta torre, com as mãos para trás, imponente. Vasculhava cada minúsculo canto de Asgard com seu único olho bom, mas aquilo bastava.

Via os guerreiros treinando com uma vontade gigantesca em Valhalla, enquanto recebiam instruções das valquírias. Encarou a ponte arco-íris, que brilhava no horizonte em todo seu esplendor.

A porta de seu aposento então abriu, e de trás dela surgiu Sigrdrifa, vestindo sua armadura completa. Ajoelhou-se e prestou seus respeitos a ele, levantando-se apenas quando ordenada.

— O que houve, meu pai? Fui chamada às pressas durante o treinamento, algo que não acontece com tanta frequência.

— Recebi notícias de Skölgul, e a situação não parece estar muito favorável para ela — disse Odin, ainda com o olhar distante. — Segundo ela, Zero enlouqueceu, e tudo indica que ela pretende adquirir o Niflungar.

— Pensei que o Niflungar fosse apenas uma lenda.

— Nunca foi, afinal, se o Coração do Caos existe, e Zero o possui, outros artefatos também teriam de existir — comentou Odin.

— Mas se for verdade... Isso vai destruir qualquer relação de estabilidade que o senhor construiu com os Gigantes — respondeu, com sua voz um pouco exaltada. — Temos que impedir antes que seja tarde, meu Pai.

— Não, dessa vez não — revelou Odin, exercendo autoridade em sua voz. — Farei o contrário do que sempre faço. Zero espera que eu a pare de alguma forma, que eu diga a ela que está errada, mas na verdade o que ela está fazendo será de extrema ajuda para nós.

— Mas, meu pai, o senhor sempre disse que precisávamos manter uma boa relação com os gigantes para que não ocorresse uma nova guerra em grande escala — relembrou dos comentários do Pai de Todos, os mesmos que ela e suas irmãs cansavam de ouvir. — Se não pararmos Zero enquanto há tempo, teremos que lutar mais uma vez.

— Eu dei o Coração do Caos para ela por um único motivo, Sigrdrifa — interrompeu a valquíria, com uma voz forte e esmagadora. — Transformá-la em uma arma tão mortal, tão poderosa, que os Gigantes não teriam chances quando chegasse a hora. Zero será de extrema importância quando o grande ciclo se completar, portanto, precisamos mantê-la ao nosso lado. E se para isso, ela precise saciar sua vontade de matar gigantes e destruir seus planetas, que o faça.

— O senhor é poderoso, Pai. Não precisa deixar ela fazer o que quiser para mantê-la conosco — retrucou Sigrdrifa. — Além disso, se ela quer apenas matar alguns gigantes, por que ela está indo atrás do Niflungar?

— A antiga tática de não só acabar com seu inimigo, mas também desarmar suas futuras gerações — virou-se para a valquíria, pousando seu olhar agressivo sobre ela. — Esperava que você lembrasse disso. Apesar de ter me desobedecido, Zero está fazendo um incrível trabalho ao dominar Niflheim não só por hoje, mas pelas próximas gerações que estão por vir. Se obtermos o anel, poderemos dizer adeus aos dominantes gigantes de gelo.

Sigrdrifa coçou a bochecha, tentando assimilar um pouco toda a situação. Após um minuto, quebrou o silêncio.

— O senhor não teme que ela vá nos trair? O poder corrompe até mesmo grandes governantes, Pai — ponderou a valquíria. — Uma valquíria não deveria possuir tamanho poder. Se ela se voltar contra nós...

— Então lutaremos contra ela. Não problematize toda essa situação — voltou a olhar pela janela, buscando mais uma vez o brilho da Bifrost. — Quero que prepare os seus homens, o melhor que puder.

— Estaremos prontos, meu Pai — disse Sigrdrifa, ajoelhando-se. — Se me permite a pergunta, nos preparar para exatamente o que?

— Zero terá um próximo passo após adquirir o anel. Será nesse momento então, que descobriremos suas reais intenções. Portanto, nos preparemos para o pior — dizia em um tom pensativo. — Contudo, quero que prepare um grupo de caçada separado.

— E o grupo irá para onde?

— Para Niflheim. Darei mais detalhes quando o grupo estiver apresentável. Até lá, está dispensada, Sigrdrifa.

Odin fez um gesto com a mão, incitando a valquíria a ir embora. A mesma confirmou com a cabeça, girou nos calcanhares e deixou o aposento.

E o Pai de Todos continuou a vislumbrar o brilho multicolorido de sua maravilhosa ponte arco-íris.

Encostado na parede, Tqir suava frio e sentia suas pernas formigarem. Merda! Não possuo forças nem mesmo para fugir...

Engolia seco a cada segundo que passava, enquanto tentava com todas as suas forças se levantar. Sabia que precisava fugir, não havia outra escolha.

No entanto, não era capaz de sequer falar. Grunhia feito uma fera machucada, com ferimentos profundos, outros internos, mas todos bastante dolorosos e provavelmente fatais.

O silêncio inundou o lugar havia algum tempo, e Tqir tinha a certeza de que isso não era um bom sinal. Sieg morreu, imaginou ele, esboçando um sorriso, embora estivesse triste e com medo.

Ouviu alguns pedaços pequenos do teto cair no chão, mas não ouviu quando a Valquíria aterrissou; ela possuía passos tão leves que às vezes parecia flutuar.

Encarou a mulher enquanto ela se aproximava. Tentou manter a marra por um tempo, mas sua expressão carrancuda deu espaço à uma de tristeza e pavor: Zero carregava em sua mão direita a cabeça de Siegfried, segurando-a pela orelha.

Tentou mais uma vez dizer algo, contudo as palavras pareciam escorregar da boca de tal forma que ele não conseguia as segurar.

Zero vinha caminhando devagar, cantarolando alguma canção de Midgard, a qual Tqir tinha uma vaga lembrança.

— Essas musiquinhas de Midgard são bastante grudentas, não acha? — a Valquíria se agachou, na frente do cavaleiro. Repousou a cabeça de Siegfried no chão e continuou. — Pena que Yertha cantou apenas umas duas... por acaso você conhece algum lugar onde eu possa ouvir mais delas?

Como se fosse uma mãe vendo seu filho machucado, a Valquíria fez uma expressão de tristeza, obviamente por cima de seu divertimento.

— Não consegue falar, Tqir? Oh, pobrezinho — deu dois tapinhas em sua cabeça, fazendo-o grunhir mais uma vez. — Ops, acho que o machuquei um pouquinho, não é? Não se preocupe, tudo vai ficar bem.

O cavaleiro vermelho, após tossir e cuspir um bocado de sangue, conseguiu dizer:

— Em Helheim! Lá, quando você perder a cabeça ou ter a garganta cortada, poderá ouvir muitas músicas do povo morto de Midgard. Inclusive eu sei uma, apesar de odiar essas malditas coisas...

Zero não gostou muito, mesmo assim perguntou:

— É mesmo? Ainda é capaz de cantar, Tqir?

O Cavaleiro esboçou um sorriso, tossiu, pigarreou e disse:

— Claro. É mais ou menos assim...

Quando Tqir, o Cavaleiro Lagarto, abriu a boca mais uma vez para iniciar a canção, Zero meteu Dainsleif no fundo de sua garganta, atravessando e rasgando todo o caminho da boca até o esôfago.

O corpo do guerreiro ficou ali, encostado, comicamente com um rosto que indicava uma cantoria sem fim por sua parte.

A Valquíria, entediada com aquilo, limpou o sangue que banhava sua lâmina em sua própria calça. Estalou o pescoço, e seguiu até o centro da câmara. Sem nem ao menos pestanejar, pegou o Niflungar, colocando-o em seu dedo indicador. O anel brilhou, púrpuro e vibrante, parecendo se conectar ao Coração do Caos. Era necessário apenas um sacrifício... acabou recebendo mais, refletiu, como se estivesse falando com o anel em seu dedo.

Suspirou, agarrou seus espólios, e só então a Valquíria do Infinito deixou o templo dos Filhos da Névoa; centenas de mortos, um monstro destruído, uma discípula fugitiva e duas cabeças carecas foi o que ela conseguiu fazer por lá.

Esse poder... então o que Skadi disse era realmente verdade.

Skögul andava pelas ameias do castelo da Rainha de Gelo, apreciando o ar fresco de cima que o local lhe disponibilizava. Sentia o vento frio cortar a pele, bem lentamente, enquanto uivava como um lobo.

A valquíria cega acabara de sair de um conselho extremamente imbecil relacionado a como parar sua irmã. Ela sabia muito bem que aquilo não faria qualquer diferença, que qualquer plano esquematizado seria mandado pelos ares como se fosse soprado pelo vento.

Ao menos a reunião não foi de todo mal. Graças a ela, Skögul descobriu o que Zero estava atrás. E agora, após sentir o tremendo poder, muito distante, porém ainda fortemente presente, sabia o que estava por vir.

Ela tentou convencer Skadi a recuar suas forças para o castelo, abrir o portão para Helheim e deixar que sua irmã seguisse em paz seu caminho. No entanto, a rainha se provou

teimosa o suficiente para recusar quaisquer que fossem os conselhos que a valquíria pudesse dar.

Via-se num dilema horrível. Ainda esperava uma resposta do Pai de Todos em relação a isso, mas desde que enviou Hugin e Munin de volta a Asgard, não teve mais notícias.

O céu estava escurecendo, e o destino de todos em Niflheim parecia estar sob a nuvem negra da dúvida. E apesar de estar acostumada com a escuridão, a situação em que estava não lhe agradava muito.

Skögul pensou em voltar para dentro do castelo para tentar pensar em algo, provavelmente pela última vez. Contudo, foi impedida quando sentiu uma energia conhecida, e ouviu o relinchar de cavalos.

Vindas de cima, como se rasgassem os céus para adentrar em Niflheim, um grupo de valquírias cavalgavam no ar. Seus cavalos brancos como a neve faziam um contraste maravilhoso com o céu que se tornava negro.

Mulheres de armaduras também brancas, carregando uma espada em suas ancas e um arco em suas costas; aquelas eram as valquírias que chegavam. Eram sete, em uma formação em linha, com apenas uma delas um pouco mais avançada.

— A encontramos! — uma das mulheres respondeu, apontando para Skögul.

Não demorou muito para que elas descessem até as ameias. Abur, o gigante guardião, como se tivesse sentido uma nova presença no castelo, apareceu, acompanhado do lobo Edaigar e mais dois cavaleiros feitos de gelo que carregavam pesadas lanças de aço.

— Por Hel, o que estão fazendo aqui? O castelo não é Valhalla para que todas as malditas valquírias venham para cá! — disse Abur, fazendo movimentos com a mão como se quisesse enxotar as mulheres.

— Maneire o linguajar, gigante — Sigdrifa ameaçou, encarando-o. — Estou aqui para assuntos que não diz respeito nem a você ou a sua rainha congelada.

O guardião gigante de Skadi cerrou o punho, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Edaigar pousou a pata em sua perna, em seguida meneando com a cabeça.

— Vosso pai a enviou? — Skögul perguntou à sua irmã. — Espero que tenha vindo para colocarmos um pouco de senso na cabeça de Zero.

Sigdrifa deixou escapar uma curta risada.

— Acredite se quiser, irmã, mas nosso pai decidiu deixar Zero fazer o que quiser — deu de ombros. — Fui enviada para levá-la de volta, nada mais.

— Ela não pode ir — interrompeu Abur. — Vossa majestade tem planos para ela, os quais devem ser executados quando a Valquíria do Infinito chegar.

— E Odin quer ela de volta. Faça-nos um favor e vá limpar o jardim desse lugar, que está uma sujeira quando eu o avistei de cima — Sigrdrifa disse, em um tom zombeteiro. — Vamos, irmã.

— Mas Zero adquiriu o Niflungar. Se deixarmos ela aqui, com certeza esse mundo irá perecer nas mãos dela — a valquíria cega tentava argumentar de alguma forma. — Sinta a energia dela, irmã. Está pulsando, uma maldade sobrecarregada está vindo. Podemos mesmo deixar que toda a vida que existe nesse planeta seja dizimada assim?

— Não sou eu que dou as ordens, Skögul. Se nosso pai disse que devemos ir, então faremos exatamente isso.

— Já falei que ela não vai a lugar algum — o gigante de gelo resmungou, sacando seu martelo. — Caso não respeite os meus avisos, creio que teremos um grande problema.

O silêncio caiu como um raio. Sigrdrifa parecia ter ouvido uma piada, pois seus lábios vermelhos pareciam tremular como se estivessem perto de soltar a maior das gargalhadas. Entretanto, eles foram fortes o suficiente.

— Você vem até nosso reino, quer roubar nossa ajuda, e ainda pretende zombar de todos nós?! — vociferou o gigante, batendo com o martelo no chão. — Eu vou mostrar o que vou fazer com seu rosto bonito, valquíria!

Sigrdrifa apoiou a mão na espada, mas não precisou sacá-la. Da mesma forma que fez anteriormente, Edaigar pôs a pata em Abur, meneou a cabeça, dizendo-o para não fazer o que quer que fosse.

— Deixe-me em paz, seu lobo imbecil!

— Repense suas palavras, Abur.

Todos arregalaram os olhos ao perceberem que o lobo havia falado. Não sentiam nenhuma energia mágica, portanto tinham suposto que era apenas um lobo comum. No entanto, logo descobriram que era um engano.

De trás do lobo, uma mulher surgiu, trajando um gibão de couro e uma saia de pele de lobo cosida. Sobre tudo isso, vestia pelo menos dois casacos de pele e pelos. Os pés estavam cobertos por botas de couro que iam até os joelhos. Seus cabelos azuis estavam amarrados em um coque, por um laço negro bordado com fios de ouro branco.

Ao verificar a dona da voz, Abur parecia ter sido congelado instantaneamente. Acompanhava-a com os olhos, sem mexer um único músculo, suando frio.

Skadi parou ao lado de Edaigar e afagou os pelos do animal. As valquírias olhavam com indiferença para a rainha, que mantinha uma feição bastante séria.

— Esperava que Odin quisesse manter a paz, não provocar mais uma guerra — disse. — Mas pelo o que posso ver, estou bastante enganada.

— acredite, Skadi, eu mesma me surpreendi quando o mesmo me deu a ordem — Sigrdrifa respondeu. — Se eu fosse ele, pararia enquanto Zero não saiu de controle. Todavia, sou apenas uma simples valquíria, não é mesmo?

— Ele deve ter um plano, irmã — Skögul comentou, encostando em uma mureta atrás de si. — Nada que ele faz é sem motivo.

— Ah, com certeza ele tem motivos. E um deles é acabar com meu reino — rosnou Skadi. — Não preciso de ajuda do exército daquele maldito caolho. Sumam da minha frente, agora.

Fazendo um gesto com a mão, a Rainha de Gelo abriu um pequeno portal ao seu lado, e de dentro dele, ela retirou um arco. A arma era feita de gelo, com inscrições em todo seu corpo. Apesar de ser composta de gelo, o arco era completamente maleável, como se na realidade ele fosse apenas um arco de madeira comum.

— Seria uma honra enfrentá-la em um combate, ainda mais se você usasse esse seu famoso arco — um sorriso de canto de boca pareceu se formar no rosto de Sigrdrifa. — Dizem que ele nunca erra o alvo. E que com sua mira, são sempre tiros certos no meio da testa. — apontou para a própria cabeça, depois fez um movimento como se a mesma estivesse explodindo.

— Pare com isso, Sigrdrifa! — brigou Skögul. Virou para a rainha de Niflheim. — Se é assim que deseja, majestade, iremos embora. Aconselho-a que pense no que falei. Deixe Zero passar, libere o portal para Helheim.

— Vá, agora.

As valquírias logo montaram em seus cavalos. Skögul, a Agitadora, virou mais uma vez para a rainha de Niflheim, que apontava o arco em sua direção. Vendo que não tinha como mudar a situação, apenas meneou a cabeça e montou o cavalo de Sigrdrifa.

— Boa sorte, Rainha Skadi. Vai precisar — disse a líder das valquírias, enquanto incitava o cavalo a voar mais uma vez. — Uma dica: cuidado com a rasteira.

Rasteira? Skadi se perguntou, enquanto abaixava o arco e via as guerreiras de Odin sumirem na escuridão da noite.

A noite ia embora lentamente, dando espaço para a luz do sol. As nuvens preenchiam o céu, e soltavam de si pequenos flocos de neve.

A Valquíria caminhava calma pelos enormes campos gelados de Niflheim. Seus cabelos dourados, salpicados pela neve, flutuavam devido ao vento que soprava.

Olhou para o horizonte e encontrou o castelo imponente da Rainha de Gelo, no alto de uma montanha, rodeado de anéis de nuvens, como se protegessem o local.

Cerrou o punho esquerdo, e após uma fraca luz brilhar, prosseguiu até seu último objetivo naquele lugar.

E a medida que continuou a andar, a vida ao seu redor deixava de existir, transformando-se em caos.

Durante a travessia da Bifrost, as valquírias encarregadas de buscar a valquíria cega mantinham-se em silêncio. Pelo menos quase todas.

— Acha mesmo que Skadi deixará Zero passar assim, sem mais nem menos? — Sigrdrifa riu. — Ora, irmã, parece que você não a conhece.

— Tenho uma certa esperança — respondeu. — Skadi é uma guerreira, entendo. Mas ela estava agindo de uma maneira que não é comum dela.

— Fala do gigante e do lobo? Estranhei também, afinal ela sempre preferiu resolver seus assuntos sozinha. Além disso, toda essa proteção por causa de uma valquíria?

Skögul suspirou.

— Você sabe que...

— É, é, a Zero não é uma simples valquíria — revirou os olhos, claramente irritada. — Mas a questão é que quase ninguém sabe disso, irmã. Então ela não precisaria se armar tanto

para a chegada de uma valquíria. Sinto que tem alguma coisa errada nisso tudo, mas não sei o que pode ser.

— E parece que ninguém sabe o que é. Talvez nem mesmo a Zero saiba o que ela procura de fato.

— Ela procura foder com alguma coisa, seja literal ou figurativamente — Sigdrifa soltou uma gargalhada e incitou o corcel a galopar mais depressa.

— Seria muito fácil se fosse apenas isso — disse Skögul, olhando para trás, imaginando tudo o que poderia acontecer no mundo do gelo primordial.

Entrou sem ninguém perceber, algo que ela não costumava fazer com frequência. Por algum motivo, Zero não sentia vontade de batalhar com Skadi e prolongar ainda mais a estadia em Niflheim.

Seguia por entre os corredores frios do castelo, a passos leves e calmos, escondendo sua presença. Não precisava ser tão cautelosa assim, afinal não havia tantos guardas por ali.

A Valquíria procurava pelo portal que a levaria para Helheim, mas não estava tendo muito sucesso na tarefa. O tempo passava, e a medida que ela caminhava pelo castelo, tornava-se cada vez mais irritada. Já estava bastante enjoada de toda aquela neve, do frio, dos corredores brancos e congelados.

E foi pensando exatamente no quão irritada estava por simplesmente continuar andando por ali, que Zero decidiu largar a ideia de manter-se escondida.

Sacou a espada, apontou-a para o teto e fechou os olhos. Murmurou algumas palavras e sua lâmina brilhou; de sua ponta, uma rajada de luz surgiu, perfurando o teto. A Valquíria então desenhou um retângulo no teto com a rajada da lâmina, fazendo com que aquele pedaço de pedra caísse à sua frente.

Surgindo logo depois da poeira baixar, alguns destroços do que aparentava ser uma mesa. Pratos jaziam quebrados devido ao impacto, além de muita comida. E junto a tudo isso, o gigante de gelo, Abur. Parecia ter tido seu peito perfurado, perto do coração. Tossia muito sangue, e respirava ofegante.

— Abur, o Pesado, não é? — a Valquíria questionou, o Niflungar brilhando em seu dedo indicador. — Devia estar mais atento ao que acontece ao seu redor em vez de comer fora de hora. Skadi adorará saber disso.

— Valquíria... — cuspiu o sangue que se acumulava na boca. — A rainha não deixará que você saia impune de tudo isso...

— Ora, uma pena, pois eu pensei que ela gostasse muito de mim — Abur sentia o sarcasmo lhe acertar direto no rosto. Zero embainhou a espada e olhou para o buraco recém-aberto no teto — Ela está lá em cima?

— Veja você mesma, não lhe direi nada — tossiu, e junto, muito sangue espirrou de sua boca. — Que o destino se encarregue do resto. E tenho certeza que o mesmo é justo.

— Apelo para a carta do destino, não é? Por que todos têm a mania de fazer isso? — Questionou, revirando os olhos. — De qualquer forma, tenha uma ótima e agonizante morte, meu caro. — Curvou-se como se acabasse de se apresentar e então pulou pelo buraco.

Acabou indo parar na cozinha. Não havia ninguém ali, apenas uma grande fornalha de metal, apagada. Cerveja estava espalhada pelo chão, provavelmente derrubada pelo gigante quando se assustou com a súbita rajada de energia de momentos atrás.

Zero seguiu pela porta ao fundo da sala, e deu em mais um corredor, esse um pouco mais estreito, completamente escuro, com apenas uma mínima luz ao final. Foi diretamente até lá.

Seus passos ecoavam pelo corredor devido às suas botas de couro. E a medida que ela se aproximava da luz, sua armadura recebia o brilho que sempre possuiu. Ajeitou seus braceletes de metal, estalou os pulsos.

Logo, a Valquíria se encontrava em um espaçoso salão. Colunas de gelo circulares serviam de suporte para o teto, alto, com diversos lustres suspensos, todos acesos com chamas brancas, frias.

Sobre um tablado de madeira congelada, o trono de Gelo Primordial: um assento milimetricamente construído para comportar um corpo feminino. Isso se dava pois, desde os tempos antigos, apenas mulheres foram destinadas ao trono de Niflheim.

Não havia nenhum acolchoamento no trono, apenas a superfície dura e fria do gelo. Segundo costumes, um rei deveria sempre sentir o que deveria governar. Em Helheim, a governante precisava sentir a morte em sua própria pele. Em Niflheim, o frio seria seu companheiro por todo o reinado, e assim se sucede.

Nas paredes do salão, diversos gobelins e quadros permaneciam pendurados. A grande maioria retratava momentos de glória de Skadi, como por exemplo, enquanto ela caçava uma matilha inteira de lobos, acompanhada apenas de seu arco.

Um tapete azul-escuro mostrava o caminho para o trono. Possuía duas listras brancas bordadas próximas das laterais, e no meio, uma silhueta de mulher apontando um arco, agachada.

Skadi estava sentada no trono de Gelo Primordial, de pernas cruzadas. Alisava seus cabelos azuis soltos como uma cascata, e às vezes enrolava-os nos dedos, com uma expressão de tédio.

Trajava uma armadura feita de metal mágico – a qual se adequava perfeitamente as suas curvas, parecendo quase como uma segunda pele.

A proteção iniciava-se no pescoço e ia até seus pés. Não parecia existir quaisquer pontos expostos além do rosto, onde ela usava apenas sua coroa congelada sobre a cabeça. Botas feitas do mesmo metal iam até seus joelhos, de cor prateada, igual ao restante. Filetes de metal na cor azul percorriam a lateral da cintura da rainha e passavam por baixo dos seios. Outro filete contornava suas coxas, subiam, e se encontravam no meio de suas pernas.

Ao lado esquerdo do trono, o lobo Edaigar permanecia deitado, com o olhar distante, pouco se importando com a presença da Valquíria.

Tinha o tamanho de um lobo comum, mas sua pelagem era bastante diferente. Era praticamente todo branco, mas possuía manchas vermelhas próximas do dorso. Seu rosto continha pelos azuis bem ao redor da cavidade ocular e em suas orelhas, quase formando uma espécie de máscara. Seus olhos eram negros, por completo, e seu rabo era dono de uma pelagem de um dégradé do preto ao branco.

Zero seguiu pelo tapete, em direção a Rainha de Gelo, que a encarava com atenção. Achava estranho o fato de a Valquíria aparecer com uma armadura que lhe oferecesse tão pouca proteção quanto a que ela usava.

Skadi calculava os pontos fracos na vestimenta, precisava saber onde mirar para debilitar a poderosa oponente. A loira tinha à mostra grande parte de seus seios, com um imenso decote. Seus braços estavam desnudos devido à falta de mangas em sua armadura. Até mesmo as pernas só eram protegidas até a metade das canelas pelas botas, e o mínimo das coxas devido a saia relativamente curta.

Apenas ao observar o movimento que a Valquíria fazia, já conseguia ver todos aqueles pontos, os quais seriam de extrema ajuda nos próximos minutos, afinal tinha a certeza de que logo as coisas acabariam se tornando um pouco... violentas.

— Pensei que teria que esperar muito mais — disse Skadi. — Mas vejo que quando você deseja, consegue ser bem rápida.

— Tudo teria sido feito mais depressa se eu não tivesse de ter carregado uma humana de um lado a outro em meio a toda essa maldita neve — respondeu a Valquíria, parando em frente do trono. Cruzou os braços, ignorando qualquer cortesia como sempre fazia. — Contudo, o que importa é que tenho o que vim buscar. O Niflungar serviu perfeitamente em meu dedo, acredita?

A rainha encarou o anel, que brilhava no dedo da loira.

— Infelizmente preciso acabar com sua felicidade, valquíria — recostou-se no trono. Entrelaçou os dedos das mãos. — Sabe, essa pequena joia que você carrega no dedo é minha. Ela me foi roubada há muito, mas não incomodei em pegá-la de volta pois os Filhos da Névoa sabiam como guardá-la em segurança. E pensar que uma valquíria conseguiria roubá-la...

— Sou bastante conhecida quando o assunto é superar as baixas expectativas que o cosmo tem em relação as minhas irmãs — esboçou um sorriso. — Ora, não se sinta mal, afinal todos cometem o mesmo erro de me subestimar.

— Não fique se achando — bateu com o punho cerrado no braço do trono. O impacto foi forte o suficiente para que uma espécie de espeto surgisse do chão, ao lado de Zero, como se fosse uma consequência da pancada raivosa. A Valquíria nem ao menos saiu do lugar. — Seres baixos como vocês nem mereciam existir mais. Se Odin fosse um homem de verdade, com certeza não precisaria de um exército composto de pessoas fracas como em Valhalla.

Zero meneou a cabeça e estalou a língua algumas vezes.

— Agora você está um pouco equivocada — encostou a mão na protuberância de gelo ao seu lado, desfazendo-a em pó. — Valquírias só não são mais poderosas que os deuses porque fazem parte da alma de Odin. Então na verdade, a Ordem das Valquírias é apenas um pedaço do governante de Asgard.

— Isso não muda o fato de ainda serem criaturas inferiores.

— Inferiores em força talvez, mas provavelmente possuem um refinamento de habilidades muito melhor que o seu — comentou com escárnio. Skadi se levantou num pulo, e até mesmo Eidagar ergueu a cabeça e encarou Zero. — Mas você citou que eu também sou um ser inferior, não é?

— Por mais que Odin tenha lhe atribuído uma alma própria e a transformado em uma deusa, jamais concordarei que você está no mesmo nível do que qualquer ser nascido na elite — disse a rainha, enrolando o dedo indicador em uma mecha de seu cabelo enquanto andava de um lado a outro no tablado. — Uma vez inferior, está fadada a nadar no mar da inferioridade.

— Por acaso conhece algum outro assunto além desse de “inferior para cá e para lá”? — reclamou Zero, revirando os olhos. Apoiou a mão no pomo da espada. — Na verdade, pouco me importa o que você acha ou deixa de achar de mim, minha cara rainha. Tudo o que preciso é que abra o portal para Helheim e tudo se resolve tranquilamente.

Skadi parou, fitou os olhos esmeralda da Valquíria. Depois, estalou os dedos, fazendo com que seu arco surgisse de uma simples partícula de luz que brotou após o estalar.

— Temo que devo recusar sua proposta — Eidagar levantou-se, rosnando. Skadi mirou o arco na Valquíria, apesar de não existir qualquer flecha preparada. — Que tal esta contraproposta: você devolve o Niflungar para sua verdadeira proprietária e então desiste de seja lá o que você deseja fazer.

— Uma proposta bastante tentadora, de fato — pôs a mão no queixo, fingindo estar pensativa. — Mas vou recusar, me desculpe. É que realmente viajei de muito longe e preciso muito mesmo visitar a minha grande conhecida Hel.

— Uma pena, então... — suspirou, e então soltou a corda de aço do arco. Algo silvou no ar. Zero desembainhou a espada rapidamente e a posicionou na frente de sua perna esquerda. Uma faísca surgiu quando o projétil entrou em contato com a lâmina. — Impressionante.

— Flechas com invisibilidade produzida por mágica? — assobiou, impressionada. — Fazia um bom tempo desde que vi algo assim. Sorte minha que decidi desembainhar minha espada, não é?

— Dou-lhe minhas congratulações, Valquíria do Infinito. Só existiu um ser que defendeu uma flecha minha em toda a minha existência — abaixou o arco e acariciou Eidagar. — Hoje ele é o Pai de Todos.

Zero estalou o pescoço, apertou com mais força o cabo de sua espada, e se posicionou. Finalmente uma batalha digna.

— Ora, a grande Skadi elogiando a mim, uma simples valquíria inferior? — riu, apontou a espada para o lobo e encarou a rainha.

— Reconheço um oponente em batalha, nada mais — mirou o arco mais uma vez na direção da loira. Puxou a corda de aço, prendeu a respiração, e soltou. A flecha silvou; a Valquíria rebateu mais uma, dessa vez mirada para o pescoço. — Não vai usar o Niflungar?

— Lutarei limpo — retirou o anel do dedo, levantou-o para onde Skadi conseguia vê-lo bem. — Apenas eu, você, e nossas habilidades. O lobo cuidará do Niflungar.

Skadi semicerrou os olhos, desconfiada. Tinha algo naquele sorriso debochado de Zero que ela não gostava. No entanto, acabou aceitando a proposta da mulher, esta qual sabia

com antecedência que a rainha não recusaria. Ela tinha total conhecimento de que Skadi era, acima de tudo, uma guerreira indomável.

Eidagar avançou até Zero, pegou o anel com a boca e voltou para o tablado. Encarou a Rainha de Gelo por um instante, pensando que ela fosse se aproveitar da situação e tomar o anel para si. Entretanto, tudo o que ela fez foi ordenar que o mesmo se afastasse para o fundo do salão.

— Você tem muita coragem em me oferecer o anel de bom grado como agora — disse Skadi. — Ou seria apenas burrice?

— Ainda não tenho total controle sobre ele. Com toda certeza isso me prejudicaria em uma luta contra você — relaxou os ombros, segurou Dainsleif com ambas as mãos. — Mas agora estou muito confortável, você verá.

— É mesmo? — levantou o arco. Puxou a corda, mirou. Segurou a respiração e soltou. Dessa vez Zero não bloqueou, mas sim desviou, rolando para o lado. — Onde estão seus poderosos reflexos para bloquear as minhas flechas?

Sem esperar, a rainha atirou mais uma, duas, três, seis flechas. Todas passavam pelo alvo raspando, em uma velocidade assombrosa. Zero mantinha-se concentrada, com seus olhos atentos nos movimentos da soberana de Niflheim, mas com seus ouvidos ainda mais afiados para o silvar dos projéteis.

Sentiu uma das flechas passar perto do seu rosto, fazendo com que um filete de sangue escorresse de sua bochecha direita. Uma dor aguda surgiu em seu ombro.

A incessante sequência de flechas parou repentinamente. Suor escorria pela sua testa, através de suas bochechas e despontando em seu fino queixo.

— Veja só, consegui ferir a intangível Ceifadora — soltou uma risadinha. — Acho que você tem uma coisinha presa no braço, minha querida — apontou para a região próxima ao ombro da Valquíria do Infinito.

Estava com o braço perfurado por uma flecha, que até antes de ser banhada em sangue era invisível.

Segurou a flecha e a puxou para fora, fazendo uma careta devido a dor.

— Dou-lhe créditos, Skadi. — remexeu um pouco o braço machucado. — Contudo, tenho minhas dúvidas se você conseguirá fazer isso novamente.

Assim que terminou sua provocação, Zero investiu contra a rainha de gelo em uma velocidade surpreendente. Surgiu como um vulto a poucos centímetros da mulher.

Skadi, por sua vez, transformou seu arco em duas lâminas em um piscar de olhos. E, tão rápido quanto Zero, a rainha defendeu a investida, que quase lhe perfurava o rosto.

— Bom ataque — raspava suas duas espadas, paralelas na horizontal, contra Dainsleif.
— Tenho certeza que matou muitos seres assim.

A Valquíria do Infinito permaneceu em seu próprio silêncio. Estava concentrada, e não costumava sair desse estado não importava o quanto seu adversário a provocasse.

Recuou sua lâmina negra e tentou golpear por entre as duas espadas de Skadi, apenas para ser bloqueada mais uma vez. A Rainha de Gelo era habilidosa, rápida, experiente. Parecia conhecer as tendências de um guerreiro em uma batalha corpo a corpo, sabia como funcionava o pensamento desse tipo.

Dessa vez, quem atacou foi a soberana de Niflheim. Pisou com força no chão, fazendo surgir paredes de gelo que cercaram ambas as guerreiras. Tal movimento fez a loira vacilar por tempo suficiente para que Skadi retirasse uma das lâminas do bloqueio e fizesse o metal beijar a perna desnuda da mulher.

Sangue começou a escorrer do ferimento, e ao perceber, Zero pulou para fora do cercado gélido. No entanto, a Rainha de Gelo sabia muito bem que aquilo aconteceria. Antes que a loira ficasse fora de seu alcance, ela a segurou pelo calcanhar, puxando-a novamente para dentro do cubículo.

Quando percebeu a intenção de sua oponente, a valquíria colocou todo seu peso para baixo, forçando uma queda de maior impacto. O Coração do Caos brilhou, e Zero ficou cercada por uma aura púrpura.

Antes que o impacto acontecesse, Skadi deixou o cercado, atravessando pelo gelo. Uma explosão aconteceu, destruindo as paredes criadas pela rainha e fazendo tudo no salão estremecer. Alguns lustres ameaçaram cair, mas continuaram suspensos de alguma forma.

— Vamos, sei que consegue fazer mais do que isso — provocou a Valquíria, que surgia do interior da nuvem de poeira. — Onde está a sua velocidade inigualável. Suas habilidades magníficas com a espada? O tão famoso treinamento valquiriano?

A Valquíria do Infinito parou. Ficou ereta, cravou a espada no chão, e apoiou as mãos no pomo da mesma. Estava cansada, de uma forma que não lembrava ter sentido alguma vez.

Respirou fundo. Sentiu cada partícula de pó que flutuava no salão. Ouvia a respiração tranquila do lobo Edaigar e o metal mágico da armadura de Skadi raspar em si mesmo. Conseguia ouvir até mesmo os fios de cabelo da Rainha de Niflheim encostar em seu rosto e ombros.

Skadi não pretendia esperar Zero se preparar. Com a velocidade espetacular, apareceu de súbito atrás da loira, com as duas lâminas cruzadas, cercando o pescoço.

— Pelo visto não existe esse...



Dainsleif vibrou e brilhou. E Zero sumiu, como um fantasma.

A Rainha de Gelo olhou para o alto e percebeu a loira pendurada em um dos lustres.

— Tentando escapar? — Skadi num instante transformou as espadas em um arco mais uma vez, e sem esperar, lançou uma torrente de flechas. — Onde está sua coragem?!

Zero subiu no lustre, direcionou a mão para sua arma e a puxou com magia. Dainsleif logo voou até sua mão.

Sobre o lustre, começou a bloquear e rebater as flechas que vinham. Pulava em todos os candelabros pendurados, esquivando quando necessário. E as flechas nunca paravam.

Cinco, talvez até dez mil flechas. Não sabia.

Mas sabia que finalmente achou o ponto crítico na defesa de Skadi.

Espero que funcione, pensou.

A Valquíria do Infinito sibilou, fingiu que ia pular em direção a rainha de Niflheim, mas tudo o que fez foi arremessar sua lâmina.

A espada desceu como um raio, mas a mulher esquivou apenas inclinando sua cabeça para o lado, deixando-a passar e por consequência ficou cravada no chão.

Zero pulou logo depois do arremesso. Colocou os braceletes metálicos em frente do rosto para evitar que flechas a atingissem. Só então, na metade da distância entre elas, que a Valquíria do Infinito sumiu.

No instante em que aconteceu, Skadi cessou os tiros, transformou o arco em um escudo prateado e virou para trás, onde a espada da loira – a sua dona – se encontrava,

Entretanto, pela primeira vez naquela batalha, Zero fora mais rápida que a Rainha de Gelo.

Sentiu a lâmina negra perfurar exatamente a lateral do seu tronco, onde havia o encontro das placas dianteiras e traseiras da sua armadura. O golpe atravessou a mulher. Aquela era uma janela de ação extremamente estreita, mas suficiente para a guerreira de Valhalla.

Ou ao menos foi o que ela achou.

O corpo da Rainha de Gelo se transformou em água, desabando no chão como chuva. Zero arregalou os olhos, assustada pela primeira vez naquela jornada, quando sentiu as duas espadas de Skadi beijar sua carne, perfurando sua costela.

— Está lenta — a rainha comentou, empurrando as lâminas ainda mais fundo. — O que aconteceu? Por acaso cansou de andar por aí?

A Valquíria não conseguiu responder. Procurava por um pouco de ar, enquanto tentava se desvencilhar das espadas. Sentia uma dor excruciante por todo seu corpo, sua visão tornando-se turva.

Jurava que o golpe funcionaria. Tinha certeza disso.

— O mesmo golpe que você usou no Torneio, Volan — Skadi sussurrou. — Devo agradecer Hel pela informação.

— Mesmo assim... como eu...

— Está sentindo tanta dor? — arrancou as espadas do corpo da Valquíria, fazendo-a cair de joelhos no chão. Em seguida, chamou Eidagar, que lhe entregou o anel do Gelo Primordial. — Essa coisinha aqui fez todo o trabalho.

Zero liberou uma expressão de espanto, como se tudo fizesse sentido.

— Os artefatos estavam selados de seus poderes cruciais, e apenas o Coração possuía energia o suficiente para despertá-los — comentou Skadi, subindo até seu trono. — Estou admirada que você, de todas as pessoas não sabia disso.

— Hel...

— Ela não nutre muito amor por você, assim como Loki — sentou-se no trono, apoiou o arco nele, e cruzou as pernas. — Adorei todas as informações que me passaram, acredite. Existem vantagens de ser um gigante, não é? Uma delas é conhecer a história de Ymir. Além disso, somos bastante esforçados quando o assunto é esmagar o povo de Asgard.

A Valquíria sentia o Coração do Caos pulsar fraco, como se sua energia estivesse sido quase sugada por completo. Sangue escorria de suas costelas, fazendo uma terrível poça ao seu redor.

Vou morrer?

Pela primeira vez Zero sentiu medo, apreensão por não saber o que estava por vir.

— Tem algum desejo final, Valquíria? — zombou Skadi. — Claro que não. Você é orgulhosa demais para isso, assim como eu.

— No entanto, eu tenho algo para comunicar — uma voz grave, feroz, mas pausada surgiu no recinto. Era Edaigar. — As coisas não aconteceram da maneira que tu planejaste, Senhora do Fim do Mundo.

— O que você está falando, Eidagar? — Questionou Skadi, confusa. — Explique-se!

— Silêncio — retrucou o lobo, erguendo-se em duas patas. — Rainha de Gelo, cumpriste com teu papel de forma magnífica. Todavia, temo que terei de atuar agora.

O lobo agarrou Zero pela parte anterior do colarinho, a levantando. A loira não conseguia se mexer, quase sem vida alguma.

— Preparar-me-ei melhor da próxima vez. Tu terás tua chance de ajeitar as coisas em um futuro próximo, Senhora do Fim do Mundo. Até lá, prove teu valor a mim, para que eu considere este ato de piedade como uma ação acertada.

— Espere um pouco! Largue-a! — exclamou a Rainha de Niflheim, apontando o Niflungar para Edaigar. — Ou eu terei que acabar com ambos.

O lobo levou uma das patas que usava como mãos à boca, como se ordenasse silêncio. Skadi, irritada com a ação, tentou utilizar o anel, mas por algum motivo, o artefato não funcionou.

— Não te preocupes, Rainha de Gelo, teu anel voltará a funcionar — o lobo dizia, desaparecendo aos poucos, levando a Valquíria do Infinito. — Agora temo precisar retornar aos meus planos.

Skadi arremeteu contra ambos os inimigos, atirando flechas com seu arco, embora tivesse a impressão de que todas passariam pelo alvo.

E logo se viu sozinha, com apenas uma poça de sangue, o único espólio da caçada.

— Ainda terei sua cabeça adornando meus aposentos, Valquíria do Infinito — voltou a se sentar no trono. — E da próxima vez, farei questão de me prevenir que um salvador venha a seu resgate.